

# Sarney: Figueiredo empenhou a vida pela

# democracia

4/12/82

O PAÍS • 3

BRASÍLIA (O GLOBO) — O presidente do PDS, senador José Sarney, subiu ontem à tribuna do Senado para afirmar que o presidente João Figueiredo empenhou “sua honra, sua ação e sua vida” para cumprir o compromisso de democracia. Por este motivo, ele acredita que no Brasil de hoje não existe nenhum motivo para pessimismos.

O senador Sarney ocupou o horário da liderança do partido governista para homenagear o senador Paulo Brossard (PMDB-RS) da maneira que este mais aprecia: exercendo a controvérsia democrática. O parlamentar oposicionista havia encerrado, minutos antes, um pronunciamento de três horas em que se despediu do Senado (ele não se reelegeu), no qual voltou a fazer críticas à participação do Presidente da República na campanha eleitoral do DPS.

Foi o discurso de despedida mais concorrido, de todos, nos últimos dias. Paulo Brossard manteve a presença de mais de 25 senadores e levou ao plenário muitos deputados, como Magalhães Pinto (PDS-MG) e Francisco Pinto, secretário-geral do PMDB. Só não teve a presença constante do presidente do Senado, Jar-

bas Passarinho, que foi sempre o seu mais ativo ouvinte e debatedor. Brossard atribuiu a ausência de Passarinho a “uma fraqueza” de amigo, que também não se reelegeu.

José Sarney assistiu a todo o pronunciamento e fez questão, depois, de subir à tribuna para responder. Ele afirmou que o presidente Figueiredo “se despojou dos instrumentos de força que o levaram ao poder e, humildemente, foi para as praças públicas pregar o diálogo e a convivência”. Para Sarney, com tal atitude, o presidente, muito mais que ao PDS, “serviu às instituições e a todos os partidos”.

Afirmou Sarney que nas últimas eleições “o povo recusou o caminho da retaliação e, entre pobres e ricos, a unidade nacional e a Federação se constroem”. Apesar dos problemas econômicos, o senador José Sarney acha que o Brasil de hoje “é um país viável”.

O senador Paulo Brossard disse que reconhece os avanços obtidos durante os oito anos em que permaneceu no Senado, mas lamentou deixar a vida pública “sem que o Brasil tenha se reconciliado com a lei”. Reconheceu, inclusive, a influência dos presidentes Geisel e Figueiredo, para as conquistas democráticas.

Afirmou, no entanto, nesses dois governos aconteceram retrocessos

“de vulto”, como a Lei Falcão, a impunidade dos responsáveis pelo atentado ao Riocentro, a utilização da máquina administrativa e do dinheiro “em proporções nunca vistas” nas eleições de 15 de novembro e o ressurgimento da fraude eleitoral.

— Nestas eleições, nosso adversário não foi um partido: foi o Estado, o Tesouro, tudo — afirmou.

Segundo o senador, quem deu o “péssimo exemplo” foi o “primeiro magistrado” (o Presidente da República).

O senador Paulo Brossard chamou ainda a atenção dos senadores para “a realidade que se formou com as eleições: “o Brasil do PDS e o Brasil das oposições”.

Ressaltando que não tinha intenção de discriminar nenhuma região, ele afirmou que os dez Estados conquistados pela oposição “pesam mais” que os 12 em que foi derrotada. E, para ele, isto não pode ser desprezado pelo Governo.

O senador Paulo Brossard, que descumpriu o regimento ultrapassando em mais de duas horas o seu tempo, sem nenhuma advertência da Mesa, encerrou seu pronunciamento com uma advertência:

Será preciso conjugar esforços para que este país continue a ser uma terra de liberdade e tolerância mútua.